

# O BRASIL DAS IMAGENS ANDRADEANAS : GEOGRAFIAS, NARRATIVAS E IMAGENS DO BRASIL

Autor: Fred Teixeira Trivellato - [fred.trivelatto@ige.unicamp.br](mailto:fred.trivelatto@ige.unicamp.br)

Orientador: Wenceslao Machado de Oliveira Junior

FE-UNICAMP – OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais

Órgão financiador: PIBIC - CNPQ

Palavras chaves: Viajantes – Mario de Andrade – Pensamento Geográfico – Educação Visual

A idéia desse trabalho foi discutir a construção do nacional a partir dos elementos presentes em dois conjuntos de imagens, fotos feitas em viagens por Mario de Andrade na década de 1920 e pinturas de viajantes europeus que estiveram no Brasil ao longo do século XIX.

Realizamos um trabalho comparativo entre estes conjuntos, buscando destacar os elementos que permaneceram ou não entre os dois conjuntos, assim, trabalhamos em busca de imagens agentes que se apresentam nestas obras.

As imagens agentes possuem elementos estruturais que se manifestam em diversas obras e de diferentes cores, maneiras, enquadramentos e visões de mundo, mas que na essência contém um determinado conteúdo capaz de permear a memória coletiva e também a memória individual.

Nestas imagens encontramos alguns padrões iconográficos que se repetem, mesmo entendendo que Mario de Andrade propõe um rompimento com os padrões até então apresentados. O que se aproxima é a vivência do viajante com os lugares a serem narrados. Nesse sentido algumas imagens de natureza, tornam-se constantes, cabendo a Mario de Andrade a inserção do elemento humano. Este autor ao inserir o ser brasileiro no lugar, consegue reescrever a paisagem nacional. Não mais o exuberante, das palmeiras e dos grandes rios e cachoeiras, mas dos elementos culturais e da história do lugar vista do próprio lugar. As igrejas, os monumentos cívicos, a arquitetura tornam-se povoadas, humanizadas. Aonde estaria nestas imagens o sentido de nacional? Qual a diferença do lugar visto pelo estrangeiro e por aquele que habitou e reescreveu o país? É possível construir uma imagem do lugar a partir de nossas experiências e vivências como viajantes? Estes questionamentos se apresentam como guias por esta viagem pelas imagens do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mario de. Mario de Andrade: Fotógrafo e Turista Aprendiz. São Paulo: IEB, 1993.

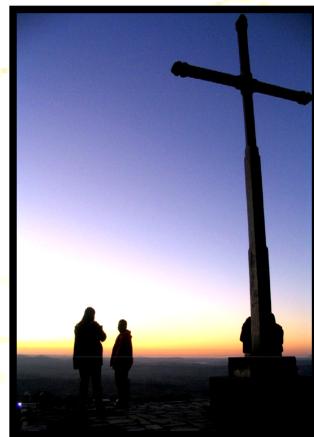
ALMEIDA, Milton José de. *Cinema Arte da Memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, 3. edição, 3 volumes em 1.

BEZERRA, Carolina Cavalcanti. *Caminha, Meirelles e Mauro: narrativas do (re)descobrimto do Brasil; decifrando as imagens do paraíso*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008. Fotografias: acervo IEB - USP.



No primeiro conjunto, destaco o ponto de vista daquele que chega através das águas. Em ambos os casos temos a cidade ao fundo intermediando com a linha do horizonte, situando o lugar onde chega o viajante. Observa-se que nas três imagens de Righini (de cima para baixo, 1862, 72, 87) não há a presença tanto da embarcação como de pessoas, a preocupação maior está nos elementos distantes que compõem a paisagem, cujo primeiro plano é a vastidão das águas e os barcos. Mario de Andrade rompe nesse sentido ao situar o barqueiro em primeiro plano, numa proximidade não vista nas pinturas dos europeus.



Vemos acima a cruz como elemento que se repete de diferentes maneiras. A esquerda, foto de Mario de Andrade (1927) e a direita de autoria própria (2007). Levei um susto ao perceber a semelhança na tomada em relação a cruz, vale destacar que não tinha conhecimento dessa foto de Mario, daí o papel das imagens agentes na educação visual da memória.

Nas imagens acima vemos a recorrência de mastros de embarcações, referência ao que já foi o principal meio de transporte do país. Imagem que apresenta o Brasil, o litoral e suas extensas águas dos rios amazônicos, nos remetendo a outros conjuntos que datam até a metade do século XX. Embarcações vistas por Félix Taunay (Missão Francesa) e Mario de Andrade.

Nesse outro exemplo, a recorrência da grandiosa cachoeira de Paulo Afonso numa pintura do alemão Schutte (1850) que nos remete a uma fotografia de autor desconhecido (a esquerda) presente na coleção de fotos de Mario de Andrade. Essa repetição paisagística virá reforçar a importância de alguns elementos da paisagem na construção do nacional.

Nas duas imagens abaixo destaco a palmeira como espécie nativa do Brasil. Em ambas, têm-se a linha da perspectiva delineada pelas palmeiras, formando um corredor que chega até o horizonte. Nesse caso, temos a recorrência de um mesmo elemento paisagístico sob o mesmo ponto de vista, valorizando a grandeza da natureza brasileira. Pintor anônimo e Mario de Andrade.

